

**PREPOSIÇÕES DE ALVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA COMPARAÇÃO  
ENTRE ‘PARA’ E ‘ATÉ’<sup>1</sup>**  
**GOAL PREPOSITIONS IN BRAZILIAN PORTUGUESE: A COMPARISON  
BETWEEN ‘PARA’ AND ‘ATÉ’**

*Thayse Letícia Ferreira<sup>2</sup>*

*Renato Miguel Basso<sup>3</sup>*

**RESUMO**

Neste trabalho, investigamos, no quadro da Nanossintaxe (STARKE, 2009; PANTCHEVA, 2011), as preposições que expressam ALVO no português brasileiro (PB), com foco nas distinções entre ‘para’ e ‘até’. Argumentaremos que embora essas preposições quando combinadas a um evento de movimento indiquem o ponto final de uma trajetória (p(1)), há diferenças semânticas sutis em seus usos que apontam para a lexicalização de estruturas sintáticas distintas. Nesse sentido, ‘para’ e ‘até’ não competem para o *spell-out* de um mesmo segmento da hierarquia funcional espacial. Tal fato justifica o comportamento dessas preposições frente a alguns testes, como o acarretamento do alcance do alvo, a possibilidade de combinação com sintagmas de medida temporais, o efeito de imperfectividade e a ambiguidade com o advérbio ‘quase’. Com a análise, demonstraremos que ‘para’ é uma preposição aproximativa, que lexicaliza os núcleos [scale, goal], ao passo que ‘até’ é uma preposição terminativa, lexicalizando [bound, goal]. Por fim, discutimos, também, uma estrutura especial em que a preposição ‘em’ parece veicular o ALVO de um movimento, argumentando contra a ambiguidade entre uma leitura locativa e outra de trajetória para essa preposição. Seguindo Gehrke

1 Agradecemos ao Professor Joost Zwarts por discutir conosco vários dos temas tratados aqui.

2 Universidade Federal de São Carlos (PG-UFSCar). A autora agradece à CAPES pelo apoio (processo 88882.426850/2019-01). E-mail: tleticiaf@gmail.com.

3 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)/CNPq (PQ-2 305934/2016-3). O autor agradece à FAPESP pelo apoio (processo 2017/21110-0). E-mail: rmbasso@gmail.com.

(2008), sugerimos que 'em' lexicaliza apenas o núcleo de lugar, sendo a interpretação de ALVO um caso de falso sincretismo no PB.

**Palavras-chave:** Preposições espaciais. Estrutura de Trajetória. Nanossintaxe.

## ABSTRACT

In this work, we investigate within the theoretical framework of Nanosyntax (Starke, 2009; Pantcheva, 2011) prepositions that express GOAL in Brazilian Portuguese (BrP), focusing on distinctions between 'para' and 'até'. We argue that although these prepositions when combined with a motion event indicate the path endpoint (p(1)), there are subtle semantic differences in their uses that point out to the lexicalization of distinct syntactic structures. Thus, 'para' and 'até' do not compete for the spell-out of the same segment of the spatial functional hierarchy, this fact justifies the behavior of these prepositions regarding some tests, such as the entailment of reaching the GOAL, the possibility of composition with temporal measure phrases, the imperfective paradox and the ambiguity with the adverb 'almost'. Our analysis demonstrates that 'para' is an approximative preposition which lexicalizes the [scale, goal] heads and 'até' is a terminative preposition which lexicalizes [bound, goal]. Finally, we also discuss a special structure in which the preposition 'em' seems to convey the GOAL of a movement and we argue against the ambiguity between a locative and a path reading for this preposition. Following Gehrke (2008), we suggest that 'em' lexicalizes only the place head, thus claiming that the GOAL interpretation is just a case of fake syncretism in BrP.

**Keywords:** Spatial Prepositions. Path structure. Nanosyntax.

## Introdução

A literatura linguística divide o domínio espacial em duas grandes categorias: lugar (PLACE) e trajetória (PATH), sendo o sintagma preposicional (PP) o principal *locus* de codificação dessas noções. Neste trabalho, investigaremos um subconjunto das preposições do português brasileiro (PB) que veiculam a noção de trajetória. Especificamente, trataremos das preposições de ALVO do PB, representadas por 'para' e 'até', buscando fornecer uma caracterização sintática e semântica para esses itens dentro do quadro teórico da Nanossintaxe (CAHA, 2009; PANTCHEVA, 2011; BAUNAZ *et. al.*, 2018).

As preposições de trajetória são de natureza dinâmica e aparecem como complemento de verbos que denotam um evento de movimento, expressando a ideia de que há um caminho a ser percorrido

por uma dada entidade, denominada FIGURA, em relação a um objeto de referência, denominado FUNDO. Segundo Jackendoff (1983), FIGURA e FUNDO são os argumentos da preposição, que estabelece a localização da FIGURA em relação a um ponto específico da trajetória, que é tido como o FUNDO, este podendo tratar-se da origem do movimento denotado pelo evento (FONTE), do caminho a ser percorrido pela FIGURA (ROTA) ou do ponto final do movimento (ALVO). Os exemplos abaixo ilustram essa distinção:

- (1) Joana saiu de casa. 'de' – FONTE
- (2) Joana andou pelo parque. 'por' – ROTA
- (3) Joana foi para o hospital. 'para' – ALVO
- (4) Joana foi de casa para o hospital pelo parque.

Quando pensamos nas preposições que podem veicular o ponto de ALVO da trajetória, objeto desta pesquisa, encontramos no português brasileiro três possibilidades:

- (5) Joana foi para a escola.
- (6) Joana foi até a escola.
- (7) Joana foi à escola.

Dentre as preposições de ALVO disponíveis no PB, atualmente, 'a' parece apresentar baixa frequência de uso na língua falada (cf. FARIAS, 2006; WIEDEMER, 2008; VIEIRA, 2009; RAMMÉ, 2017; AVELAR, 2017), sendo 'para' e 'até' mais corriqueiras e encontradas em diferentes quadros de subcategorização verbal. Além dessas preposições que podem introduzir o ponto final do movimento denotado pelo evento, em PB, é possível encontrar ainda uma estrutura com a preposição 'em', que parece, também, codificar ALVO, conforme é possível observar em (8).

- (8) a. Joana foi na escola.  
b. Joana correu no mercado.

Essa construção bastante comum coloca alguns problemas interessantes para a análise das preposições espaciais. Tradicionalmente, assume-se que 'em' é uma preposição estritamente locativa, que indica uma relação topológica entre FIGURA e FUNDO; no entanto, quando essa preposição passa a configurar estruturas com verbos de movimento, aparentemente, a informação com a qual contribui para o significado do PP não é apenas topológica, mas, sim, dinâmica, fazendo referência à

porção final de uma trajetória (ALVO)<sup>4</sup>.

Para nossa investigação, trataremos exclusivamente das preposições ‘para’ e ‘até’ e buscaremos compreender a origem da suposta ambiguidade encontrada na preposição ‘em’. Assim, visando a oferecer uma descrição sintático-semântica para a classe das preposições de ALVO do PB e explicar a aparente leitura de trajetória da preposição ‘em’, discutiremos, na seção 1, algumas diferenças semânticas entre as preposições ‘para’ e ‘até’, buscando, também, estabelecer alguns paralelos entre estas e a preposição locativa ‘em’. Demonstraremos que, embora ‘para’ e ‘até’ sejam, ambas, consideradas preposições de ALVO, os contextos nos quais podem ocorrer não são os mesmos. Na seção 2, apresentaremos a tipologia de Pantcheva (2011) para as preposições de trajetória, desenvolvida no quadro teórico da Nanossintaxe (STARKE, 2009). Com base nessa tipologia sugerida pela autora, que identifica oito tipos de trajetória, desenvolveremos, na seção 3, uma análise de ‘para’ e ‘até’, buscando, nesse modelo, respostas para o comportamento das preposições sob investigação.

Com base em pressupostos da Nanossintaxe, argumentaremos que ‘para’ e ‘até’ não competem para o *spell-out* de um mesmo núcleo da sequência funcional universal (*f-seq*), o ALVO de uma trajetória, como seria esperado. Trataremos das diferenças semânticas sutis que distinguem esses itens como uma pista para o fato de que cada um deles lexicaliza estruturas nanossintáticas distintas. Especificamente, proporemos que ‘para’ é uma preposição que denota uma trajetória aproximativa sem transição, ou seja, que esse item indica apenas um movimento de aproximação em relação ao ALVO, garantido pelos traços [scale, goal]. A preposição ‘até’, por sua vez, também carrega o traço [goal], mas garante que a FIGURA atinge o FUNDO em um ponto específico da trajetória, o que é representado pelo traço [bound]. Na terminologia de Pantcheva (2011), ‘até’ seria, portanto, uma preposição terminativa [bound, goal].

Seguindo a discussão, trataremos das leituras de ALVO da preposição ‘em’ com eventos de movimento. Defenderemos, com base em Gehrke (2008), que as preposições podem ser unicamente estáticas (denotar lugar) ou dinâmicas (denotar trajetória), de tal modo que a interpretação de ‘em’ como uma preposição de ALVO é um falso sincretismo (Pantcheva, 2011; Rammé, 2017). Sendo assim, argumentaremos que a suposta ambiguidade entre PLACE e PATH disparada por essa preposição é, na verdade, decorrente de um efeito estrutural de adjacência entre traços do VP e do PP locativo. Finalmente, nas Conclusões, retomaremos o caminho percorrido e apresentaremos algumas

---

4 O problema apresentado diz respeito à ambiguidade de sentenças como “Pedro correu na escola”: há uma leitura topológica esperada, na qual a escola é o local em que “Pedro correu”, bem como há uma leitura direcional, não esperada, em que a escola é a direção na qual “Pedro correu”. Neste trabalho, buscaremos explicar a origem dessa leitura direcional, inovadora, portanto, essa é a interpretação relevante que está sob análise.

das questões e problemas em aberto.

## 1. As preposições de ALVO e suas interpretações

As preposições de ALVO denotam o ponto final de uma trajetória a ser percorrida em um evento de movimento e parecem poder ser individualizadas por diferentes características. Tendo isso em vista, nesta seção, buscaremos apreender quais são as diferenças de interpretação nos usos das preposições 'para' e 'até', em oposição ao suposto uso direcional da preposição locativa 'em'. Para tanto, tomemos as sentenças abaixo.

(9) Joana foi para o parque.

(10) Joana foi até o parque.

(11) Joana foi no parque.

Se, por hipótese, todas as preposições acima denotam a existência de um ALVO em direção ao qual a FIGURA se movimenta, um primeiro passo na tentativa de distingui-las seria, justamente, perguntar se todas garantem que o FUNDO (i.e., o ALVO) foi, de fato, alcançado ao final do movimento. Em termos semânticos, devemos nos perguntar, portanto, se essas três preposições acarretam o alcance do ALVO<sup>5</sup>. Há dois modos principais para avaliar tal acarretamento: (i) o cancelamento direto do “alcance do ALVO/FUNDO” e (ii) a avaliação da presença de tal acarretamento. Os dois testes são, na verdade, duas faces da existência (ou não) do acarretamento relevante, e a previsão é que, caso ele exista, as sentenças do teste (i) serão contraditórias, e não podemos garantir que a FIGURA chegou ao ALVO com os testes em (ii). Vejamos o funcionamento desses testes nas sentenças abaixo:

(i) cancelamento direto do “alcance do ALVO/FUNDO”

(12) OK Joana foi para a farmácia, mas não chegou lá.

(13) \*Joana foi até a farmácia, mas não chegou lá.

(14) ?Joana foi na farmácia, mas não chegou lá.

---

5 O termo 'acarretamento' pode ser definido como uma relação de necessidade entre sentenças. *Grosso modo*, dadas duas sentenças A e B, se A é verdadeira, então B também é verdadeira, ou, ainda, pode-se dizer que a informação veiculada pela sentença B está contida na informação disponível na sentença A. No teste proposto, procuramos detectar se a sentença A não apenas contém o ALVO do movimento, mas também indica que esse ALVO deva ser atingido quando o movimento cessa. Ou seja, se A acarreta o alcance do ALVO, então a sentença B seria 'x chegou em ALVO', desse modo, é esperado que a negação da sentença B, que pode ser capturada pela estrutura adversativa “mas não chegou lá”, gere uma contradição em relação à sentença A. Conforme veremos, a contradição é observada com as preposições 'até' e 'em', o que indica que apenas estas acarretam o alcance do ALVO.

A sentença (12) é perfeitamente aceitável, e a interpretação que temos é a de que Joana percorreu uma dada trajetória, que tinha a farmácia como ALVO, mas não atravessou essa trajetória até seu limite, o FUNDO. Nesse sentido, ‘para a farmácia’ se aproxima de ‘em direção à farmácia’, e não garante que o ALVO foi de fato alcançado ao final do movimento. A sentença (13), por sua vez, é agramatical e soa como uma contradição – afinal, se Joana foi até a farmácia, não é possível que não tenha chegado nesse local. A sentença (14), analogamente, aparenta ser uma contradição, pois o cenário de alguém ‘ir em algum lugar’ parece incluir a ideia de que a pessoa chegou naquele lugar. Os dados indicam, portanto, que, presumivelmente, ‘até’ e ‘em’ exigem que o ALVO seja alcançado, mas com ‘para’ esse alcance é apenas opcional.

Essa relação pode ficar mais clara caso complementemos as sentenças acima com a sequência “o carro estragou no meio do caminho”, que garantiria o não alcance do ALVO. Note-se que o exemplo (12) acrescido desse sintagma ainda seria uma sentença congruente, pois de “Joana foi para a farmácia, mas não chegou lá, o carro estragou no meio do caminho” entendemos que Joana estava indo para/em direção à farmácia, mas não atingiu esse ALVO como consequência de seu carro ter estragado. O mesmo não pode ser dito para as sentenças (13) e (14), pois se o carro estragou no meio do caminho, Joana não foi ‘até a farmácia’ ou ‘na farmácia’, embora, nesse caso, seja possível entender que a trajetória em direção à farmácia tenha sido iniciada, mas não completada, de um modo semelhante ao que ocorre com ‘para’. A avaliação da presença desse acarretamento indica, portanto, que ‘para’ permite, de fato, que o ALVO não seja alcançado, ao passo que ‘até’ exige o alcance do ALVO e ‘em’ tem um comportamento intermediário entre ‘para’ e ‘até’. Vejamos, agora, como funciona a avaliação desse acarretamento, considerando os conjuntos que acarretam Joana ter estado na farmácia<sup>6</sup>, de (15) a (17), e Joana ter chegado na farmácia, de (18) a (20):

(ii) acarretamento de “alcance do ALVO/FUNDO”

(15) Joana foi para a farmácia  $\neq$  Joana esteve na farmácia

(16) Joana foi até a farmácia  $\neq$  Joana esteve na farmácia

(17) Joana foi na farmácia  $\models$  Joana esteve na farmácia

---

<sup>6</sup> O acarretamento, aqui, foi modelado para capturar a relação entre a preposição e a arquitetura do FUNDO; desse modo, o objetivo é compreender se há alguma distinção entre ter chegado em algum lugar e ter entrado nesse lugar e permanecido nele por algum tempo. Tendo isso em vista, o teste com ‘estar’ demonstra se há a necessidade de que a FIGURA tenha permanecido no FUNDO (provavelmente em seu interior) para que a sentença seja verdadeira, ao passo que o teste com ‘chegar’ avalia estritamente a presença do acarretamento do alcance do ALVO.

(18) Joana foi para a farmácia  $\neq$  Joana chegou na farmácia

(19) Joana foi até a farmácia  $\neq$  Joana chegou na farmácia

(20) Joana foi na farmácia  $\neq$  Joana chegou na farmácia

Os exemplos acima evidenciam que a primeira parte da sentença (15) não acarreta a segunda parte, ou seja, se Joana foi para a farmácia, não podemos ter certeza de que ela esteve na/dentro da farmácia – em outras palavras aceitamos que Joana tenha ido para a farmácia, mesmo que ela tenha apenas caminhado *em direção* a esse ALVO, sem ter entrado nele. Em (16) observamos a mesma situação, pois não podemos concluir que, se Joana foi até a farmácia, ela esteve na/dentro da farmácia. Ela certamente atingiu o FUNDO, mas não precisa ter estado em seu interior para ter ido ‘até ALVO’. Finalmente, (17) traz um acarretamento, afinal, se Joana foi na farmácia, ela esteve dentro da farmácia. Note-se que parece haver uma diferença importante entre atingir o ALVO e adentrar na região por ele especificada; para desenvolvermos melhor essa ideia, consideremos agora os acarretamentos que envolvem “chegar na farmácia”. Nesse caso, somente a sentença (18) não permite tal relação. Ou seja, se Joana foi para a farmácia, não necessariamente ela chegou lá, o que ocorre, obrigatoriamente, em (19) e (20), com a diferença de que ‘em’ garante que Joana esteve dentro farmácia, mas ‘até’ não, estabelecendo apenas que a FIGURA atingiu o ALVO.

Considerando as relações observadas, em suma, ‘para’ não garante nem ao menos que a FIGURA alcança o FUNDO e ‘até’ indica que a FIGURA atinge o FUNDO, mas não (necessariamente) seu interior, sendo essa relação capturada apenas pela preposição ‘em’. O teste do acarretamento do alcance do ALVO, portanto, individualiza ‘para’ em oposição a ‘até’ e ‘em’ e, além disso, revela uma diferença sutil entre as preposições que integram esse segundo grupo. Basicamente, há uma diferença no recorte do espaço atingido pela FIGURA ao final do movimento: ‘até’ especifica que os limites externos de um determinado local são atingidos, algo como o perímetro do FUNDO, em geral tido como a delimitação do terreno no qual o objeto se encontra; e ‘em’, por sua vez, garante que o deslocamento da FIGURA ultrapassa esse perímetro, de tal modo que a posição final da FIGURA, ao percorrer uma dada trajetória, é no interior do FUNDO, dentro do local especificado como ALVO, e não em seus limites ou imediações, que seriam determinados contextualmente.

É possível dizer que uma sentença como “Joana foi até a farmácia” é verdadeira caso a FIGURA tenha chegado apenas na calçada que delimita o terreno no qual a farmácia se encontra ou então em seu estacionamento, por exemplo. Ou seja, ‘até’ permite que a região relevante para a interpretação do PP seja exterior ao objeto que é interpretado como FUNDO, incluindo não apenas a estrutura desse

objeto, como também todo o perímetro do local em que ele se encontra. Desse modo, se alguém atinge os limites desse perímetro (os portões de um muro que cerca o objeto, por exemplo), podemos dizer que esse indivíduo foi ‘até DP’. A preposição ‘em’, por outro lado, parece especificar uma região interior ao objeto de referência, isto é, não podemos dizer que a sentença “Joana foi na farmácia” é verdadeira caso a FIGURA tenha chegado apenas na calçada ou no portão que delimita o terreno desse FUNDO. Com isso, identificamos uma propriedade que distingue as preposições de ALVO do PB (o alcance do ALVO) e isolamos relações espaciais de exterioridade e interioridade como sendo também relevantes na interpretação dessas preposições.

Para além das relações de acarretamento, outro teste que pode ser interessante para ajudar a identificar as diferenças entre as preposições que codificam ALVO é sua compatibilidade com adjuntos do tipo ‘em x tempo’ e ‘por x tempo’. Esses sintagmas são tratados como testes reveladores de telicidade no domínio dos eventos e geram diferentes interpretações para a sentença em que aparecem, a depender de o evento por ela denotado ser télico ou atélico. O adjunto ‘em x tempo’, ao se combinar a um evento télico, veicula que o *telos* desse evento foi alcançado<sup>7</sup>, e, quando combinado a um evento atélico, resulta em uma interpretação incoativa, indicando o tempo transcorrido até o início do evento. Adjuntos do tipo ‘por x tempo’, por sua vez, quando combinados a eventos télicos, resultam em interpretações de “detelicização”<sup>8</sup> ou detectam somente o tempo durante o qual um dado evento se desenrolou, sem veicular que seu *telos* foi alcançado.

Na literatura, é assumido que a combinação de eventos de movimento com adjuntos direcionais que indicam o ALVO de uma trajetória resulta em eventos télicos (FILIP, 2003; ZWARTS, 2005); sendo télicos, esses eventos, em princípio, devem se combinar com ‘em x tempo’, resultando em uma interpretação de alcance do *telos* (i.e., do ALVO), mas, quando combinados com adjuntos do tipo ‘por x tempo’, devem resultar em leituras nas quais o *telos* não foi alcançado. Para avaliarmos essa previsão, tomemos as sentenças a seguir:

- (21) a. Joana foi para o parque em 10 minutos.  
b. Joana foi para o parque por 10 minutos.

---

<sup>7</sup> Se, por exemplo, “Pedro pintou o quadro em 10 minutos”, então, ao final de ‘10 minutos’, o sujeito completou a pintura do quadro, o evento, portanto, atingiu seu fim esperado (*telos*).

<sup>8</sup> O efeito de “detelicização” refere-se à interpretação de eventos perfectivos télicos dos quais não se pode garantir que o *telos* foi alcançado como em “João arrumou o quarto por 10 minutos” – nessa situação, não sabemos se ele terminou de arrumar o quarto (cf. Basso, 2007).



- (22) a. Joana foi até o parque em 10 minutos.  
b. ?Joana foi até o parque por 10 minutos.
- (23) a. Joana foi no parque em 10 minutos.  
b. Joana foi no parque por 10 minutos.

Uma interpretação télica é aquela na qual o adjunto mede o tempo levado até o alcance do *telos* do evento. Nesse sentido, todas as sentenças em (a) de (21) a (23) têm a interpretação télica esperada – isto é, Joana chega no parque e leva 10 minutos para atingir o ALVO de seu percurso. A sentença (21a) apresenta, também, uma leitura incoativa, indicando o tempo que Joana levou para iniciar a trajetória de ‘ir para o parque’; tal fato demonstra que ‘para’ não necessariamente mapeia um evento télico, o que aponta uma diferença entre essa preposição e ‘até’, que parece sempre gerar eventos télicos (GROLLA, 2004).

Quando olhamos para a combinação do adjunto ‘por x tempo’ com as preposições sob investigação, notamos, novamente, que ‘para’ apresenta um comportamento distinto de ‘até’ e ‘em’. Os exemplos (22b) e (23b) têm o que podemos chamar de interpretação resultativa – o adjunto mede, nesses casos, o tempo que Joana passou no parque depois de chegar lá, mas não o tempo que ela demorou para chegar no parque<sup>9</sup>. A preposição ‘para’, na sentença (21b), não apresenta essa interpretação, mas permite uma outra leitura que especifica apenas que Joana foi em direção ao parque por 10 minutos – chamaremos tal interpretação de durativa. Nesse caso, se é verdade que “Joana foi para o parque por 10 minutos”, então, em qualquer subintervalo desse tempo, é verdade que ela foi em direção ao parque, mas não há qualquer garantia de que ela tenha chegado até o parque. Observamos efeitos semelhantes nos próximos exemplos:

- (24) Pedro foi para o parque e um carro atropelou ele.
- (25) Pedro foi até o parque e um carro atropelou ele.
- (26) Pedro foi no parque e um carro atropelou ele.

---

<sup>9</sup> O que chamamos de interpretação resultativa aqui não tem relação com estruturas resultativas (como *Mary hammered the metal flat*, em que, ao final do evento, o metal está achatado), estamos apenas empregando o termo de um modo informal para indicar que o adjunto pode medir um tempo transcorrido após o evento ter cessado, ou seja, depois que a FIGURA atinge o FUNDO. Além disso, é importante observar que, embora essa interpretação resultativa seja possível para (22b), parece ser um tanto forçada, em comparação com (23b), que é mais natural.

Com a sentença (24), temos a interpretação de que Pedro foi atropelado no caminho do parque, ou seja, antes de alcançar o ALVO. Contudo, para (25) e (26), a interpretação resultante é a de que Pedro foi atropelado nas dependências do parque, depois de chegar lá. Esse teste pode ser lido como a detecção de um efeito de “imperfectividade”, pois ele mostra se o evento principal (i.e., ‘ir PREP o parque’) permite uma leitura em que outro evento aconteça em seu desenrolar. No caso, apenas ‘para’ permite que o evento seja interpretado enquanto não conclusivo (“imperfectivo”), uma vez que, em (24), a FIGURA não atinge o ALVO, mas, em (25) e (26), sim.

É importante destacar que esse efeito de imperfectividade sugerido não equivale ao paradoxo do imperfectivo, que surge quando eventos télicos são veiculados no progressivo, gerando uma interpretação de que o evento ainda está em aberto e não se sabe se seu *telos* será alcançado ou não. Os efeitos de um evento com um PP encabeçado por ‘para’, ‘até’ e ‘em’ veiculado no progressivo são, no entanto, notáveis, uma vez que, para além da leitura espacial, na qual não se sabe se a FIGURA atinge o ALVO ou não, temos, com ‘para’ e ‘em’, uma interpretação de hábito, ou seja, nas sentenças (27) e (29) abaixo entendemos que “Pedro estava frequentando a escola”.

(27) Pedro estava indo para escola.

(28) Pedro estava indo até a escola.

(29) Pedro estava indo na escola.

Os resultados dos testes discutidos, resumidos no quadro 1, abaixo, parecem indicar, especialmente, o fato de que ‘para’ não especifica o alcance do ALVO ao final da trajetória. Isso não significa que não seja possível interpretar que a FIGURA atinge o FUNDO com ‘para’; a questão, aqui, é, simplesmente, que ‘até’ e ‘em’ garantem esse alcance, o que pode ser observado pelo fato de a interpretação resultativa ser a única leitura disponível para essas preposições quando combinadas ao adjunto ‘por x tempo’<sup>10</sup>. Esse sintagma, com ‘até’ e ‘em’, mede o tempo transcorrido após o ALVO ser atingido; já com ‘para’, mede apenas o tempo durante o qual a FIGURA se movimentou em direção ao ALVO. Essa característica de ‘para’ é reforçada pelos testes do cancelamento e do acarretamento do ALVO, uma vez que é apenas essa preposição que permite que o alcance do ALVO seja cancelado, não acarretando nem que a FIGURA atingiu o FUNDO e tampouco que esteve em seu interior.

---

10 Conforme dissemos anteriormente, a leitura resultativa com ‘em’ é natural, já com ‘até’ é bastante forçada (caso seja aceita, de fato, haja vista que divergências no julgamento de aceitabilidade das sentenças são previstas). Por conta disso, afirmamos apenas que, caso exista alguma leitura para a combinação de ‘por x tempo’ com ‘até’, essa leitura seria a resultativa e não outra. Tal fato, no entanto, não afeta a caracterização semântica de ‘até’ e a proposta desenvolvida.

**Quadro 1:** testes para diferenciar as preposições 'para', 'até' e 'em'

	Cancelamento do ALVO	Acarretamento do ALVO		Adjunto		Efeito de imperfetividade
		'estar'	'chegar'	'em x tempo'	'por x tempo'	
para	sim	não	não	télica/incoativa	durativa	sim
até	não	não	sim	télica	resultativa	não
em	não	sim	sim	télica	resultativa	não

O quadro acima demonstra que 'para' apresenta mais características distintivas em relação a 'até' e 'em', que são diferenciadas apenas pelo teste do acarretamento do ALVO com 'estar', disponível para 'em', mas não para 'até'. Essa pequena diferença indica que 'até' recorta o espaço exterior ao ALVO como relevante para a interpretação do PP, de tal modo que basta que a FIGURA chegue na região externa ao ALVO (contextualmente determinada) para que a sentença seja verdadeira. A preposição 'em', por outro lado, assegura não apenas que a FIGURA chegou na região na qual o ALVO se encontra, mas também que ultrapassou esse limite e, ao final do movimento, atingiu o interior do ALVO.

Com isso, esperamos ter demonstrado que, embora 'para', 'até' e 'em' possam, todas, ser entendidas como preposições de ALVO no PB, porque são direcionadas para o ponto final de uma trajetória, há diferenças semânticas relevantes em seus usos. Tendo isso em vista, na próxima seção, apresentaremos o quadro teórico que nos permitirá explicar as generalizações aqui encontradas.

## 2. A Nanossintaxe de PATH: definição e propriedades

Uma trajetória é definida informalmente, por Zwarts (2005), como uma extensão do espaço que apresenta direção, um ponto inicial, um ponto final e pontos intermediários, ordenados entre si. Formalmente, o autor sugere que uma trajetória possa ser capturada como uma função contínua, no intervalo dos números reais, entre  $[0,1]$ , de tal modo que o ponto inicial de uma trajetória,  $p$ , é formalizado como  $p(0)$ , e o ponto final, como  $p(1)$ , sendo quaisquer pontos entre 0 e 1 partes intermediárias da trajetória  $p(i)$ . Segundo o autor, cada ponto  $p$  da trajetória faz parte do domínio  $P$  (para espaço), ao lado dos domínios  $E$  (para indivíduos) e  $T$  (para valores de verdade).

Essa definição oferecida por Zwarts (2005, 2008) é amplamente explorada na literatura e, também, utilizada no trabalho de Pantcheva (2011), que propõe, dentro do quadro teórico da Nanossintaxe, uma tipologia para as preposições que codificam a noção de trajetória. Antes de tratarmos, especificamente, do trabalho da autora, que embasará nossa análise das preposições de ALVO no PB, apresentaremos, brevemente, o modelo de arquitetura da gramática denominado Nanossintaxe (STARKE, 2009).

Nos últimos vinte anos, é possível observar, nos estudos em linguística formal, uma crescente articulação de domínios antes tidos como indecomponíveis (DP-vP-IP-CP). Nesse quadro, a Nanossintaxe (STARKE, 2009; RAMCHAND; SVENONIUS, 2014) surge como uma implementação radical da Cartografia (CINQUE, 1999; SCHLONSKY, 2010), empenhando-se não apenas em desenhar mapas funcionais dos mais variados domínios linguísticos, como, também, em propor regras rígidas para o funcionamento do sistema, que possam restringir a derivação de estruturas sintáticas cada vez mais articuladas.

Esse modelo de arquitetura da gramática parte da premissa de que a sintaxe não é apenas um modo de organizar um léxico ativo em estruturas complexas. Na Nanossintaxe, o léxico é, na verdade, um componente pós-sintático que atua como um repositório de informações ou que são construídas em outros módulos da gramática (sintaxe-fonologia) ou que estão relacionadas a princípios cognitivos mais gerais, tais como a memória (informação enciclopédica). Uma entrada lexical seria, então, uma tripla ordenada do tipo </informação fonológica/, *informação sintática*, informação enciclopédica>, que deve ser compatível com a estrutura-alvo para o processo de inserção (*spell-out*).

No modelo, a compatibilidade entre a árvore estocada no item lexical (*informação sintática*) e aquela disponível para a lexicalização não precisa ser perfeita; há uma especificação, dada pelo *Princípio do Superconjunto*, de que o item pode carregar mais informação do que o exigido pela estrutura-alvo. Tal fato permite, por exemplo, que um mesmo item possa ser usado em diferentes quadros de subcategorização com diferentes significados, desde que a inserção respeite a uma série de regras, as quais, por sua vez, autorizam que certos traços sejam ignorados durante a computação. Se, por exemplo, um verbo carrega a informação de que há um desencadeamento que leva a um processo e culmina em um resultado [iniciação, processo, resultado] (RAMCHAND, 2008), é possível que esse mesmo verbo apareça em outros quadros, com a combinação dos traços [processo, resultado] ou apenas [resultado]. As alternâncias verbais, em geral, ilustram essa situação, assim como os diferentes usos do verbo 'dar' (cf. FERREIRA; RASSI; BASSO, 2017):

- (30) a. Joana deu um presente para Maria. [iniciação > processo > resultado]  
b. A conta deu 20 reais. [processo > resultado]  
c. Deu ruim. [resultado]

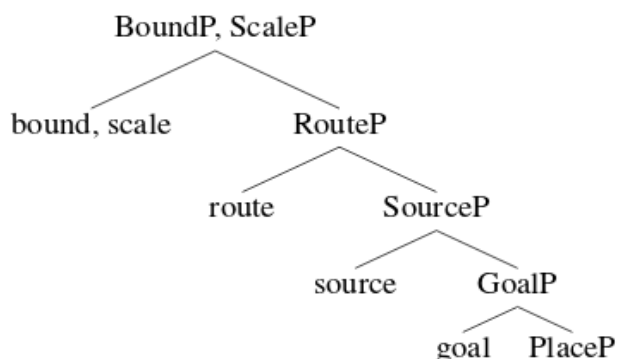
Nos exemplos oferecidos, note-se que não há uma sentença com 'dar' que contenha apenas a informação de desencadeamento de um evento [iniciação]. Isso ocorre porque há, no modelo, um preceito denominado *Condição de Âncora*, que estabelece a obrigatoriedade de identificação do

núcleo mais baixo da sequência sintática a cada ciclo de derivação (ou seja, esse terminal não pode ser ignorado na computação), o que leva à previsão de que o núcleo mais alto do fragmento relevante para o *spell-out* nunca poderá aparecer sozinho na estrutura, e é precisamente isso o que observamos em (30). Dentre as regras nanossintáticas formuladas para a derivação da sequência funcional universal (*f-seq*), destacamos, ainda, o *Princípio \*ABA*, uma condição de adjacência; o *Spell-out Sintagmático*, uma operação que toma núcleos não terminais como alvo da lexicalização; e o *Lixo Minimizado*, uma condição que regula a competição pelo *spell-out* de uma mesma sequência de traços, segundo a qual o item com menos traços não utilizados vence a competição.

Esses pressupostos do modelo, somados ao fato de que diferentes itens lexicais carregam pedaços distintos da *f-seq*, oferecem uma resposta interessante para a variação translinguística, pois, assim, entende-se que cada língua armazena um mesmo segmento da estrutura em itens distintos. Em holandês, por exemplo, a preposição 'naar' armazena toda a estrutura espacial [PathP > PlaceP], identificando-a pelo *Spell-out Sintagmático*, ao passo que, em macedônio, a preposição '-kaj' lexicaliza [PlaceP], e a preposição 'na-' lexicaliza [PathP], identificando, portanto, um núcleo por ciclo.

Pantcheva (2006, 2011) desenvolve sua tese com base nesse quadro teórico e parte da hipótese de que a contraparte linguística do conceito PATH é, na verdade, muito mais fina do que se supunha até então. Seguindo a heurística cartográfica, a autora analisa 81 línguas não relacionadas e propõe, com base na ideia de que complexidade morfológica sinaliza complexidade sintática, uma estrutura para trajetória composta por cinco núcleos distintos na *f-seq*. Cada um dos elementos da estrutura abaixo é motivado morfológicamente e desempenha um papel semântico específico na composição da noção de trajetória.

Figura 1: Hierarquia de PATH



Fonte: Pantcheva (2011)

A razão para todos os núcleos dinâmicos que compõem PathP estarem localizados acima de PlaceP encontra raízes no trabalho de Jackendoff (1983), que demonstra a altura de PATH na estrutura sintática com base em preposições compostas do tipo 'into' e 'onto'. O que Pantcheva (2011) faz, com sua pesquisa translinguística, é comprovar que muitas línguas de morfologia rica constroem preposições de trajetória tomando um elemento locativo como base. Tal fato é exemplificado no quadro a seguir.

**Quadro 2:** Relação de continência morfológica entre trajetória e lugar

Fonte: Pantcheva (2011, p. 39)

Language	Genus	Location	Goal	Source	Reference
Garo	Baric	-o	-o-na	-o-ni	Burling (2003)
Estonian	Finnic	-l	-l-le <sup>a</sup>	-l-t	Viitso (1998)
Lezgian	Lezgian	-q <sup>h</sup>	-q <sup>h</sup> -di	-q <sup>h</sup> -aj	Haspelmath (1993)
Mwotlap	Oceanic	<i>l(V)</i>	<i>a l(V)</i>	<i>m<sup>w</sup>ε l(V)</i>	Crowley (2002a)
Yanesha	Arawakan	-o	-o-net	-o-t <sup>y</sup>	Duff-Tripp (1997)

No PB, os núcleos de rota, fonte e alvo são monomorfêmicos, o que torna a relação hierárquica pouco transparente e de difícil apreensão; no entanto, línguas como o quéchuá (COLE, 1985), o avar (BLAKE, 1994) e o búlgaro (PASHOV, 1999) apresentam uma relação de continência clara entre os morfemas que lexicalizam essas noções. Com base nisso, e considerando que essa relação morfológica pode ser transitiva, reflexiva e antissimétrica, Pantcheva (2011) chega à ordenação proposta na Figura 1. Nessa estrutura, as preposições de ROTA são vistas como as mais complexas, pois contêm os núcleos de FONTE e ALVO, algo já intuído pela semântica desses itens em Zwarts (2005). Os núcleos de limite [bound] e escala [scale] também são motivados empiricamente e sempre têm escopo sobre os núcleos mais baixos; porém, segundo Pantcheva (2011, p. 91), não apresentam uma posição fixa na estrutura. Na hierarquia proposta pela autora, os diferentes tipos de trajetória seriam derivados da combinação de diferentes núcleos da estrutura, somados à interação de três propriedades semânticas, sendo elas orientação, transição e delimitação.

A propriedade da orientação individualiza preposições de ROTA em oposição às preposições de FONTE e ALVO, pois apenas as primeiras (preposições de ROTA) não dispõem de uma direção intrínseca para o movimento, guiado ou para o início ( $p(0)$ ) ou para o fim ( $p(1)$ ) da trajetória.

A segunda propriedade selecionada por Pantcheva (2011) – transição – trata de trajetórias nas quais a FIGURA muda de lugar durante o movimento, passando de um domínio A para um domínio complementar  $\bar{A}$  ( $A \rightarrow \bar{A}$ ). Na estrutura proposta, o núcleo [scale] pode entrar acima de qualquer

trajetória transicional, transformando-a em uma trajetória sem transição; tal fato é observado na composição da preposição 'towards', em que '-wards' lexicaliza [scale], e 'to', [goal, place]. Preposições que apresentam mais de uma fase são, necessariamente, transicionais, podendo, ainda, ser delimitadas ou não.

Essa terceira propriedade – delimitação – aplica-se, unicamente, a preposições que especificam o ponto inicial ou o ponto final da trajetória como sendo o espaço limite para o movimento; por conta disso, unicamente preposições de FONTE e ALVO podem apresentar essa característica. O núcleo [bound] é responsável, na estrutura, por derivar trajetórias delimitadas, que estabelecem a existência de um único ponto no FUNDO no qual a localização denotada pela preposição é verdadeira. Essas características, quando combinadas, resultam em uma tipologia de oito classes de preposições de trajetória, resumidas no quadro abaixo.

**Quadro 3:** tipologia e representação dos diferentes componentes de PATH  
 (Pantcheva, 2011)

Tipologia das preposições		Representação esquemática da trajetória	Representação Nanossintática	Exemplos do PB
FONTE	Preposições coinciais	++++----	[source, goal, place]	de
	Preposições egressivas	+-----	[bound, source, goal, place]	a partir de
	Preposições recessivas	----	[scale, source, goal, place]	para longe de
ALVO	Preposições cofinais	----++++	[goal, place]	para
	Preposições terminativas	-----+	[bound, goal, place]	até
	Preposições aproximativas	----	[scale, goal, place]	em direção a, para
ROTA	Preposições transitivas	---+++---	[route, source, goal, place]	por, depois de
	Preposições prolativas	++++++	[scale, route, source, goal, place]	ao longo de

Ao propor a existência de diferentes preposições de ROTA, FONTE e ALVO, Pantcheva (2011) identifica diferentes restrições locativas sobre os pontos inicial  $p(0)$ , final  $p(1)$  e intermediários  $p(i)$  da trajetória, de tal modo que as preposições podem ter apenas um, mais de um ou nenhum ponto no FUNDO relevantes para a interpretação. Na representação gráfica oferecida na segunda coluna

do quadro acima, a parte relevante do FUNDO para a interpretação da preposição é dada por “+”, ou seja, é na fase positiva que a relação estabelecida pela preposição entre FIGURA e FUNDO é verdadeira. Dado que nem todas as classes propostas apresentam uma fase positiva, pode-se afirmar que, embora as preposições recessivas e aproximativas sejam orientadas para um ponto extremo da trajetória, nunca o incluirão em sua denotação.

Juntamente com as preposições prolativas, as classes de preposição recessivas e aproximativas são derivadas da presença de [scale] na estrutura; semanticamente, esse núcleo recorta apenas um pedaço da trajetória como sendo relevante para a interpretação, excluindo a transição. Essa nova trajetória ( $p'$ ), quando originada de uma estrutura [+direcional] (ou seja, de FONTE ou ALVO), apresenta uma condição de ordenação sobre seus pontos imposta pelo núcleo [scale], de tal modo que a FIGURA estará sempre mais perto ou mais distante do FUNDO, a depender de se a trajetória é orientada para o ALVO ou para a FONTE do movimento. Formalmente, a condição de ordenação pode ser representada como em (31).

- (31) a. Se  $p(1)$  é uma fase positiva, então, para cada par  $p'i$  e  $p'j$ , se  $i < j$ , então, em  $p'j$  a FIGURA está mais perto do FUNDO do que em  $p'i$ .
- b. Se  $p(0)$  é uma fase positiva, então, para cada par  $p'i$  e  $p'j$ , se  $i < j$ , então, em  $p'i$  a FIGURA está mais perto do FUNDO do que em  $p'j$ .

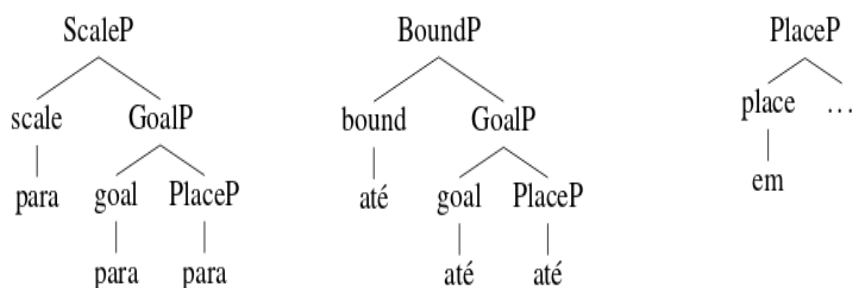
As preposições egressivas e terminativas apresentam, exatamente, um ponto do FUNDO no qual a relação de localização é verdadeira; logo, essas classes são transicionais e limitadas [bound]. Já as preposições coinciais, cofinais e transitivas, embora denotem transições, não são limitadas, pois especificam que há mais de um ponto do FUNDO relevante para sua interpretação. Essa distinção pode equivaler, *grosso modo*, às relações de espaço externo e espaço interno identificadas anteriormente: quando há apenas um ponto em que a localização é verdadeira, basta que a FIGURA esteja situada em um perímetro contextualmente delimitado como espaço externo ao FUNDO; quando a relação pode ser verdadeira em mais de um ponto no espaço, a FIGURA pode estar dentro do FUNDO (espaço interno). Na próxima seção, exploraremos essa relação e outras ideias aqui delineadas, buscando observar, sobretudo, (i) se as preposições de ALVO do PB podem ser encaixadas na tipologia proposta por Pantcheva (2011); e (ii) se há regras nanossintáticas que podem explicar seu comportamento.



### 3. Uma proposta de análise para as preposições de ALVO no PB

Conforme observamos na seção 1, o comportamento semântico das preposições ‘para’, ‘até’ e ‘em’ não é uniforme. Tal fato pode ser explicado se presumirmos que a estrutura que cada item carrega em sua entrada lexical não é a mesma. Assim, considerando a tipologia de PATH sugerida por Pantcheva (2011), nossa proposta é que ‘para’ denota uma trajetória orientada para o ALVO, porém apenas aproximativa, sem transição, ao passo que ‘até’ denota uma trajetória terminativa, que contempla um único ponto do FUNDO para a transição. A preposição ‘em’, por sua vez, não denota uma trajetória, mas sim um lugar, o que é assegurado pela realização do núcleo [place], o único traço armazenado na entrada lexical desse item. Abaixo, ilustramos a nanossintaxe de cada uma das preposições sob investigação para, em seguida, verificarmos se nossa hipótese pode ser sustentada pelos dados do PB.

Figura 2: Nanossintaxe de ‘para’, ‘até’ e ‘em’



Segundo Pantcheva (2011), [scale] cria trajetórias sem transição, por selecionar apenas uma porção da estrutura para a interpretação. Portanto, ao assumirmos que ‘para’ lexicaliza esse núcleo, criando uma estrutura linearmente ordenada em direção ao ALVO, necessariamente afirmamos que não haverá uma mudança da FIGURA de um espaço A para um domínio complementar  $\bar{A}$ . Tal característica pode explicar, por exemplo, o porquê de ‘para’ não acarretar o alcance do ALVO nem com ‘estar’ nem com ‘chegar’: como a estrutura da preposição não especifica uma transição, a FIGURA pode se mover em direção ao FUNDO sem nunca alcançá-lo (‘chegar’) ou permanecer em seu domínio (‘estar’). Além disso, a presença de [scale] justifica, também, a possibilidade do “efeito de imperfectividade” em sentenças como (32) – a trajetória é iniciada, mas o percurso não é concluído – e a leitura incoativa de sentenças como (33), em que interpretamos que a FIGURA demorou meia hora para iniciar a trajetória e não que ‘meia hora’ foi o tempo percorrido até o alcance do ALVO.

(32) Pedro foi para o trabalho, mas seu carro estragou e ele não chegou lá.

(33) Pedro foi para o trabalho em meia hora.

Na seção 1, observamos que ‘para’, diferentemente de ‘até’ e ‘em’, não garantia o alcance do ALVO pela FIGURA, no entanto, não afirmamos que essa relação seja impossível de se obter com essa preposição. Ou seja, é viável que ‘para’ seja utilizada em casos nos quais a FIGURA não apenas se dirige em direção ao ALVO, mas também o alcança. Lançando mão do arcabouço teórico da Nanossintaxe, conseguimos explicar como essa leitura de alcance do ALVO é obtida com ‘para’: uma vez que, nesse modelo, traços do item lexical podem ser ignorados na computação, considerando o *Princípio do Superconjunto* e a *Condição de Âncora*, é possível que o núcleo mais alto da estrutura seja subassociado para realizar uma estrutura-alvo menor, contendo os traços [goal, place]. Assim, quando o núcleo [scale] não é computado no *spell-out*, ‘para’ é interpretada enquanto uma preposição cofinal (cf. Quadro 3), que garante o alcance do ALVO e especifica uma área interna a esse objeto como sendo relevante para a interpretação, posto que há mais de um ponto do FUNDO no qual a relação de localização pode ser verdadeira.

Como as estruturas funcionais lexicalizadas nos itens são superespecificadas (pelo *Princípio do Superconjunto*), o princípio do *Lixo Minimizado* regula a competição, e, desse modo, ‘para’ não é a melhor preposição para realizar uma estrutura sem escala, que garante uma transição para o espaço ocupado pelo ALVO, uma vez que esse traço ficaria sobressalente no *spell-out*. A preposição ‘até’, por sua vez, não deixa traços não utilizados na inserção, pois não contém [scale], o que a faz ganhar a disputa pelo *spell-out* de uma sequência que garante o alcance do ALVO. Em suma, ‘para’ é apenas uma preposição aproximativa (PANTCHEVA, 2011), pois indica um progresso em direção ao FUNDO; no entanto, é possível que o traço de escala seja ignorado na derivação, gerando uma interpretação cofinal para essa preposição. Dado que [scale] precisa estar subassociado para que essa interpretação seja possível pelo *Lixo Minimizado*, essa preposição não é ótima para esse contexto, posto que outras preposições estão disponíveis para o *spell-out* sem armazenar traços excedentes.

Considerando, então, que ‘para’ é uma preposição notadamente aproximativa (PANTCHEVA, 2011), cada vez que um evento se desenvolve no tempo, entendemos que a posição da FIGURA na trajetória estará sempre mais próxima do FUNDO, mas nunca dentro dele. É por isso que ‘para’ permite o cancelamento do ALVO; não acarreta seu alcance; apresenta leitura incoativa (atélica) com ‘em x tempo’ e durativa com ‘por x tempo’; além de ser a única preposição de ALVO que exhibe um efeito de imperfectividade. O ‘para’, nesse sentido, parece se comportar de um modo similar aos adjetivos de escala aberta, pois não especifica um limite para o desenrolar do evento, por mais que

imponha uma ordem linear entre os pontos da trajetória.

Winter (2006), comparando o inglês, o hebraico e o holandês, propõe que certos elementos, como o advérbio *'almost'*, podem operar apenas sobre estruturas fechadas, em qualquer domínio, sendo, por isso, incompatíveis, por exemplo, com adjetivos de escala aberta. Em PB, podemos empregar o advérbio *'quase'* para esse teste e o que observamos em (34) é o contraste esperado: *'quase'* é compatível com uma estrutura de escala fechada, mas não pode ser empregado juntamente a um adjetivo de escala aberta.

- (34) a. A casa está quase limpa.  
b. \*A casa está quase suja.

Transpondo o teste para o domínio preposicional, *'quase'* apresenta uma leitura na qual a FIGURA nem ao menos inicia a trajetória; e outra escalar, na qual a FIGURA percorre boa parte da trajetória, mas não alcança seu ponto final. Segundo Winter (2006, p. 5), apenas a leitura escalar captura uma estrutura fechada. Portanto, se *'para'* é, de fato, uma preposição de “trajetória aberta”/ aproximativa, a previsão do teste é que encontremos apenas a leitura de que a trajetória não foi iniciada para sentenças com essa preposição. Conforme é possível observar nos exemplos em (35), esse parece ser o caso.

- (35) a. Pedro quase foi para o trabalho.  
b. Joana quase correu para o mercado.  
c. Ana quase nadou para o barco.

Em oposição a *'para'*, propomos que *'até'* denota uma trajetória fechada, especificando, por meio do núcleo [bound], o FUNDO como o ponto limite do deslocamento. A previsão feita com o teste do advérbio *'quase'* estabelece que estruturas fechadas permitem uma leitura escalar; no caso, seria esperado que sentenças com *'até'* indicassem não apenas que o deslocamento não se iniciou, como nos exemplos em (35), mas, também, licenciassem a interpretação de que a FIGURA se aproxima do FUNDO, sem atingir o limite determinado. Nas sentenças abaixo, ambas as interpretações estão disponíveis — contrafactual e escalar —, o que comprova que *'até'* é uma preposição de trajetória fechada: em (36) ou Joana não saiu de casa para ir ao trabalho ou iniciou essa trajetória, mas não atingiu seu final; analogamente, em (37), Pedro ou não começou a nadar em direção ao barco ou iniciou o percurso, mas não chegou no ALVO.

(36) Joana quase foi até o trabalho.

(37) Pedro quase nadou até o barco.

Como ‘até’ não contém [scale], a preposição é, obrigatoriamente, transicional, e a presença de [bound] na estrutura garante que a transição é delimitada a um único ponto, ou seja, ‘até’ especifica que a FIGURA, necessariamente, atinge o FUNDO. Tal fato explica a impossibilidade de cancelar o alcance do ALVO com ‘até’ e o não acarretamento de a FIGURA ter estado dentro do ALVO com ‘estar’. Apesar de o alcance do ALVO ser obrigatório, não há uma especificação de que a FIGURA deva entrar no ALVO para que uma sentença com ‘até’ seja verdadeira. É por esse motivo que, em ‘estar + até’, não há acarretamento, mas essa operação se aplica a ‘chegar + até’, pois, aí, há a garantia de que a FIGURA atingiu o limite relevante para tal interpretação. Podemos comprovar o alcance do ALVO com ‘até’, comparando essa preposição com ‘para’ em contextos que exigem que o ALVO nunca seja atingido, conforme as sentenças abaixo.

(38) a. Corra para sul.

b. \*Corra até o sul.

(39) a. Corra para o horizonte.

b. \*Corra até o horizonte.

Tanto o sintagma ‘o sul’ quanto ‘o horizonte’ indicam direções a serem seguidas e não um ALVO a ser atingido. É por esse motivo que (38a) e (39a) são perfeitamente adequadas para descrever uma trajetória apenas orientada para um ALVO, ao passo que as sentenças em (b) não são aceitáveis nesse contexto, posto que ‘até’ exige que o ALVO seja alcançado. É interessante notar que essa mesma diferença aparece em holandês, ao considerarmos os itens ‘naar’ (equivalente, *grosso modo*, a ‘para’) e ‘in’ (com usos próximos aos de ‘em’ e ‘até’ que investigamos aqui). O padrão para o holandês é o seguinte<sup>11</sup>:

(40) a. Ren naar de horizon.

“corra para o horizonte”

b. \*Ren in de horizon.

“corra até/no horizonte”

---

11 Os dados foram gentilmente fornecidos pelo prof. Joost Zwarts, a quem agradecemos.

O fato de ‘até’ ser uma preposição delimitada pode explicar, inclusive, o porquê de eventos atélicos poderem ser interpretados enquanto télicos em estruturas com essa preposição: ‘até’ institui um fim para a trajetória com [bound], que passa, naturalmente, a ser associado ao limite de um evento. Note-se que, com isso, não defendemos um caso de coerção; a presença da propriedade da telicidade, nas sentenças abaixo, é apenas um efeito composicional da estrutura.

- (41) a. Joana correu. [atélico]  
b. Joana correu até a padaria. [télico]
- (42) a. Pedro nadou. [atélico]  
b. Pedro nadou até o barco. [télico]

A possibilidade de uma leitura resultativa para a preposição ‘até’ combinada ao advérbio ‘por x tempo’ também é consequência da presença de [bound] na estrutura: se a FIGURA chega ao ALVO, é perfeitamente possível que ela passe algum tempo naquele espaço. A esse respeito, é interessante notar que a única característica que diferencia ‘até’ de ‘em’ em relação aos testes propostos na seção anterior é o acarretamento do ALVO com o verbo ‘estar’, pois apenas ‘em’ permite tal acarretamento. Isso ocorre não porque ‘em’ é uma preposição de ALVO, mas sim porque ela lexicaliza apenas o núcleo [place], sobre o qual uma estrutura de trajetória é construída.

O sintagma ‘até ALVO’ permite que a FIGURA atinja o ALVO sem entrar nesse espaço, ou seja, trajetórias com ‘até’ terminam, precisamente, no ponto em que o espaço do ALVO começa; o sintagma ‘em ALVO’, por sua vez, apenas garante que, ao final do movimento, a FIGURA estará localizada dentro do FUNDO. Há, portanto, uma especificação topológica de ‘em’ que assegura que a trajetória terá fim no interior do ALVO. As sentenças abaixo ilustram essa distinção.

(43) Joana foi até a farmácia, mas não entrou.

(44) ?? Joana foi na farmácia, mas não entrou.

O exemplo (43) não soa como uma contradição, pois ‘até’ só garante que a FIGURA atinge um espaço limite exterior ao ALVO, não havendo qualquer especificação sobre a FIGURA estar localizada em seu interior ao final do movimento. Por conta disso, podemos dizer que a interpretação de que alguém entrou na farmácia com ‘até a farmácia’ é um reforço pragmático – se alguém foi até a farmácia, nas situações mais comuns, *ceteris paribus*, esse alguém entra na farmácia. O mesmo não ocorre com ‘na farmácia’: em (44), temos uma sentença contraditória, pois não é possível que

alguém vá ‘em algum lugar’ e não tenha estado nesse lugar. Em certo sentido, verbos de movimento combinados ao sintagma ‘em FUNDO’ parecem denotar trajetórias cofinais, que indicam, justamente, que a trajetória pode ser estendida ao interior do ALVO, posto que há mais de um ponto no espaço relevante para a interpretação. Como explicar esse fato?

Na Nanossintaxe (BAUNAZ *ET. AL*, 2018), assume-se que certos núcleos possam ser compartilhados por diferentes domínios. O núcleo de limite [bound], por exemplo, poderia ser utilizado para a distinção “massivo vs. contável” ou “télico vs. atélico”. Nesse sentido, certos núcleos espaciais seriam compartilhados entre os domínios verbal e preposicional; tal fato nos permitiria, assim, explicar a origem da suposta ambiguidade da preposição ‘em’ e a existência de uma trajetória cofinal em sentenças como (45) e (46).

(45) Pedro foi na farmácia.

(46) Maria correu na farmácia.

Segundo a *Hipótese da Ambiguidade Estrutural*, formulada por Gehrke (2008), as preposições espaciais podem denotar, unicamente, um lugar ou uma porção da noção de trajetória. Desse modo, se uma sentença com uma preposição espacial locativa é interpretada enquanto direcional, isso é um efeito estrutural e não lexical, ou seja, a noção de trajetória deve estar lexicalizada em outro item da sentença. Assumindo essa ideia, nossa proposta é que a interpretação de ALVO de sentenças como (45) e (46) não faça parte da estrutura de ‘em’, mas sim do verbo. Isto é, a orientação para um ALVO é dada pela entrada de ‘ir’ e ‘correr’, e a preposição ‘em’, sendo locativa, apenas garante que a FIGURA esteve dentro do espaço relevante do FUNDO ao final do movimento. Prova disso é o fato de ‘em’ parecer ter uma interpretação de trajetória apenas em um contexto muito específico. Note-se que, quando inserimos essa preposição em estruturas sem um verbo de movimento direcionado (orientado para um ALVO), a interpretação é estritamente locativa. Em (47), ‘a sala’ é o lugar onde Maria estuda; em (48), ‘a farmácia’ é o lugar onde Pedro tosse; e, em (49), ‘o quarto’ é o lugar onde Joana caminha.

(47) Maria estudou na sala.

(48) Pedro tossiu na farmácia.

(49) Joana caminhou no quarto.

A adjacência estrutural entre os traços [goal], lexicalizado pelo verbo, e [place], lexicalizado pela preposição, faz surgir um falso sincretismo, fenômeno caracterizado, justamente, pela associação de um item lexical a uma estrutura realizada por um item adjacente (PANTCHEVA, 2011; RAMMÉ,

2017). Em um primeiro olhar, afirmar que certos verbos já carregam o terminal de ALVO parece ser problemático, afinal, isso geraria estruturas redundantes com 'para' e 'até', uma vez que a mesma informação estaria contida nas entradas do verbo e da preposição. No entanto, assumindo os princípios da Nanossintaxe (STARKE, 2009), podemos explicar o que ocorre na estrutura: verbos de movimento exigem a especificação de um alvo, porém, não especificam qual é a exata relação que o evento de movimento deve estabelecer em relação a esse ponto da trajetória, sendo essa uma contribuição da preposição (se há transição ou limite, por exemplo).

Quando uma preposição de ALVO é combinada a um verbo de movimento que já contém esse núcleo, o terminal da entrada lexical verbal deve ser ignorado na computação, para que o *Princípio* \*ABA não seja ferido. Caso o verbo identificasse o núcleo de ALVO, e a preposição os núcleos [scale/bound, place], obteríamos, justamente, a estrutura \*ABA, pois o verbo realizaria uma posição intermediária entre os traços [scale/bound] e [place], ou seja, a preposição identificaria os elementos indexados como A, e o verbo identificaria B, o que geraria uma estrutura agramatical, dada a condição de adjacência imposta entre os traços de um mesmo domínio.

Com isso, chegamos à seguinte caracterização sintático-semântica para as preposições que parecem denotar ALVO em PB:

**Quadro 4:** estrutura e tipologia das preposições 'para', 'até' e 'em'

Preposição	Sintaxe	Tipologia	Representação
para	[scale, goal, place]	aproximativa	---- ----
até	[bound, goal, place]	terminativa	-----+
em	[place]	locativa	não há
V <sub>mov</sub> + em	[goal, place]	cofinal	-----++++

Embora 'para' e 'até' sejam preposições orientadas para o ALVO, observamos que há certas nuances em seus usos que apontam para o fato de essas preposições não poderem pertencer a uma mesma classe. A preposição 'para' não denota uma transição e, por esse motivo, não garante o alcance do ALVO, como a preposição 'até' faz. O que diferencia essas duas preposições é a presença dos traços de escala e limite, sendo que o primeiro garante que o ALVO não será atingido, pois transforma estruturas transicionais em trajetórias sem transição, e o segundo garante o alcance de uma região externa ao ALVO, mas não seu interior. Quando os falantes precisam garantir que a FIGURA esteve no interior do ALVO, a preposição 'em' entra na composição, contribuindo, precisamente, com essa informação topológica de 'estar no interior de'. Ou seja, 'em' não pode ser analisada enquanto uma preposição de ALVO, porque não trata de um movimento de transição ou da delimitação da trajetória; mas, como essa preposição especifica que, no ponto final da trajetória (lexicalizado pelo verbo), a

FIGURA entrou no FUNDO, ela é uma boa candidata para externalizar essa informação, uma vez que identifica, em um ciclo independente, o núcleo [place] sobre o qual a trajetória é construída. Considerando, assim, que as preposições de ALVO legítimas do PB são 'para' e 'até', oferecemos, abaixo, uma interpretação semântica que pode capturar seu significado mais básico, baseada na formalização oferecida em Zwarts (2005).

(50) [[para]] = [p: há um subintervalo próprio I de [0,1] que não inclui 1 e consiste em todos os índices  $i, j \in [0,1]$  para os quais, se  $p(i)$  é anterior a  $p(j)$ , então,  $p(j)$  está mais próximo do ALVO do que  $p(i)$ ]

(51) [[até]] = [p: há um subintervalo próprio I de [0,1] que inclui 1 e consiste em um único ponto  $p(i)$  no qual a FIGURA está em  $p(1)$ ]

Com isso, esperamos ter demonstrado que 'para' é uma preposição aproximativa, pois não garante o alcance do ALVO; e que 'até' é uma preposição terminativa, pois garante que há, exatamente, um ponto no qual o ALVO é alcançado e, além disso, esse ponto não está localizado no interior do ALVO, mas, sim, em uma região externa, determinada contextualmente. Caso seja desejável explicitar que a FIGURA esteve dentro do ALVO, a preposição 'em' pode lexicalizar o núcleo [place] no processo de *spell-out*. O comportamento dessas preposições observado na primeira seção deste artigo pode, assim, ser explicado pelo fato de que cada preposição investigada pertence a uma classe distinta, lexicalizando núcleos sintáticos também distintos na *f-seq*. A Nanossintaxe parece, então, ser uma ferramenta interessante a ser usada na busca por generalizações finas que correspondam a questões estruturais universais.

## Conclusões

Neste artigo, nossa proposta foi traçar as diferenças sintáticas e semânticas entre as preposições 'para', 'até' e 'em' em estruturas que denotam o ALVO de uma trajetória no PB. Usando as ferramentas disponíveis no quadro teórico da Nanossintaxe (STARKE, 2009) e a tipologia de trajetória oferecida por Pantcheva (2011), pudemos oferecer uma análise econômica e orgânica que captura, num único quadro teórico, as diferenças observadas entre essas preposições. Ainda que algumas questões não tenham recebido uma resposta mais detalhada, como a ideia de "limite" e espaço exterior para lidar com 'até ALVO', julgamos que alcançamos um entendimento interessante e que a proposta aqui apresentada é um avanço importante na compreensão de tais preposições em seus usos direcionais. Afinal, com nossa análise, pudemos demonstrar a existência de diferenças sintático-estruturais em cada preposição, que causam os efeitos observados em seu uso, e defender a não ambiguidade de 'em' entre uma interpretação locativa e outra direcional.



## REFERÊNCIAS

- AVELAR, J. Complementos direcionais em afro-variedades de português e espanhol. *Moderna Språk*, 111(2), 15-44, 2017.
- BASSO, R. M. *Telicidade e detelicização: semântica e pragmática do domínio tempo-aspectual*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Campinas, Campinas, 2007.
- BAUNAZ, L. et. al. *Exploring Nanosyntax*. New York : Oxford University Press, 2018.
- CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective*, New York: Oxford University Press, 1999.
- FARIAS, J. G. Variação entre a, para e em no português brasileiro e no português europeu: algumas notas. *Letras de Hoje*, 41:213-234, 2006.
- FERREIRA, T. L.; RASSI, A. P.; BASSO, R. M. As interpretações do verbo 'dar' e sua estrutura temática: uma análise sintático-semântica. *Revista do GEL*, v. 14, n. 2, 2017.
- GEHRKE, B. *Ps in Motion: On the Semantics and Syntax of P Elements and Motion Events*. PhD Thesis, Utrecht University. LOT Dissertation Series 184, 2008.
- JACKENDOFF, R. *Semantics and Cognition*. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.
- PANTCHEVA, M. Persian Preposition Classes. *Nordlyd: Tromsø Working Papers in Linguistics*, v. 33, n. 1, edited by Peter Svenonius, p. 1–25. CASTL, Tromsø, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Decomposing path: The nanosyntax of directional expressions*. (Tese – Doutorado em Linguística), Universidade de Tromsø, 2011.
- RAMCHAND, G. *Verb Meaning and the Lexicon*. Cambridge: University Press, 2008.
- \_\_\_\_\_; SVENONIUS, P. Deriving the functional hierarchy. *Language sciences*, v. 46, 2014.
- RAMMÉ, V. *Mudança Semântica no PB: Reanálise restringida pela Hierarquia Funcional-Conceitual Universal*. Doutorado em Linguística. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2017.
- SHLONSKY, U. The cartographic enterprise in syntax. *Language and Linguistics Compass*, v. 4, p. 417-429, 2010.

STARKE, M. Nanosyntax: A short primer to a new approach to language. *Nordlyd*, v. 36, n. 1: Special issue on Nanosyntax, 2009.

VIEIRA, M. J. B. Variação das preposições em verbos de movimento. *Revista SIGNUM: Est. Ling.*, Londrina, v.12, n.1, pp. 423-445, 2009.

WIEDEMER, M. L. *A regência variável do verbo ir de movimento na fala de Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFSC, Florianópolis, 2008.

WINTER, Y. Closure and Telicity across Categories. In: M. Gibson & J. Howell (Eds.), *Proceedings of SALT XVI*, p. 329-346, Ithaca, NY: Cornell University, 2006.

ZWARTS, J. Prepositional Aspect and the Algebra of Paths. *Linguistics and Philosophy* 28.6, 739-779, 2005.

ZWARTS, J. Aspects of a typology of direction. In S. Rothstein (Eds.), *Theoretical and Crosslinguistic Approaches to the Semantics of Aspect* (pp. 79-106) (28 p.). Amsterdam: John Benjamins, 2008.